

Introdução

Um ser, quem sabe humano, “feio, sujo, maltrapilho, mas delicado e prestimoso, como ele só” (ÉLIS, 2015, p. 56) conduzido em uma narrativa que lhe encaminha para o martírio. Fadado ao destino, assim como o fogo que vem pelo cerrado adentro/afora consumindo troncos retorcidos, folhas largas rústicas, não há escape. Supriano, personagem principal do conto “A enxada” de Bernardo Élis, representa em si a tentativa de sobrevivência em um ambiente que lhe hostiliza, não pela paisagem em si, mas pelo poder econômico, político e ideológico que lhe oprime e descontrói na mesma proporção. Na mesma perspectiva, Put-Kôe, personagem do conto “Ontem, como hoje, como amanhã, como depois”, vendida pelo pai em troca de cachaça e objetificada pelo Cabo Sulivero, reforça essa ambiência hostil.

Levantando em consideração questões a respeito de como ocorre a (des)construção do discurso que garante a dominação e superioridade sobre o outro. As relações de poder bem explícitas em ambos os contos demonstram características do período herdado do colonialismo histórico brasileiro, no caso específico no estado de Goiás (QUEIRÓS, 1969). Assim, as condições de exclusão em que Put-Kôe e Supriano vivem são importantes para entender como ocorre esse processo e se perpetua ainda hoje no nosso meio social: um sujeito que agrega em si marcas de um estereótipo cultural.

Homi Bhabha (2013), em *O local da cultura*, mostra as relações de poder entre o sujeito colonizado e o colonizador, apresentando conceitos fundamentais, como o estereótipo, que atua no sentido de reconhecer e recusar a diferença, o estranho e o não familiar. Desse modo o estereótipo impõe um enquadramento que muitas vezes não corresponde à realidade social em que o sujeito estereotipado está inserido.

A criação de estereótipos, ressaltada por Bhabha (2013), se fixa em uma ideia a respeito do outro. A ideia que vacila entre o aceitável e o que não está classificado dentro dos padrões sociais requeridos: “nego, à toa, não vale a dívida [...]” (ÉLIS, 2015, p. 59). Entretanto, nota-se que, nos contos selecionados para esta pesquisa, o autor, ao focar personagens como Supriano e Put-Kôe, parece subverter o estereótipo por meio do foco narrativo, para que o leitor veja a prerrogativa cultural e colonizadora que se sobrepõe às personagens, o que

¹ Mestranda do POSLII - Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás - UEG

permite uma leitura relacionada à mesma situação em que vivem as pessoas do mundo real. De acordo com Bhabha (1992, p. 177), é:

[...] na margem colonial, que a cultura do Ocidente revela sua “diferença”, seu texto-limite, assim como sua prática de autoridade desloca uma ambivalência que representa uma das mais significativas estratégias discursivas e físicas do poder discriminatório – quer seja racista ou sexista, periférico ou metropolitano.

Observando tal articulação, ainda de acordo com Bhabha (2013, p. 119), “o corpo se encontra sempre e simultaneamente inscrito na economia do prazer e do desejo quanto na do discurso, da dominação e do poder”. Na linha dessas ideias, o que se pretende examinar são certas estratégias retóricas, presentes nas narrativas, aparentemente salvaguardadas pelo caráter figurativo, mas que promovem uma complexa interação entre pensamento, palavra e ação. Em outras palavras, certos tropos que atestam essa situação subumana em que as personagens estão inseridas e que as tornam vítimas de uma mentalidade ideologicamente legitimizada pelo *logos* dominador.

Tropologias discursivas nos contos *A Enxada e Ontem como hoje, como amanhã, como depois*, de Bernardo Élis

As obras de Bernardo Élis são inúmeras, desde contos, romances e poemas, mas se revelou “mais prosador que poeta”, afirma Nelly Alves de Almeida (1970, p. 39). Dessa maneira, é como prosador que se consolidou, visto que algumas de suas obras premiadas são de contos: *Veranico de Janeiro*, livro premiado com o troféu Jabuti em 1966 e *Caminhos e Descaminhos* recebeu o prêmio Afonso Arinos em 1967 (ALMEIDA, 1970, p. 33). Em suas construções narrativas se evidenciam questões que se transfiguram do plano literário para o real ou vice e versa, uma vez que “[...] Bernardo Élis aponta a miséria e a degradação a que ficam sujeitas as populações sertanejas de Goiás, exploradas pelos grandes proprietários de terras, vitimadas pela ignorância e pelo pauperismo, mergulhadas na superstição. [...]” (COUTINHO, 1999, p. 290). Tratando de problemáticas que assolam o povo do Brasil Central, mas que ao mesmo tempo se irradia para outros lugares e tempos, sua obra retrata questões que dizem respeito ao ser e não somente ao povo goiano. Assim:

Transporta para suas obras os problemas da liberdade, das lutas, dos jogos a que se submetem os menos favorecidos, do homem ante a vivência do meio; descreve o medo, o ingênuo, a maldade, a argúcia, o luxurioso, com perspicácia e talento, com a

prudência sábia de quem, nos dias atuais, consegue rejuvenescer o clássico, fazendo ressurgir um humanismo moderno. (ALMEIDA, 1970, p. 40, sic).

As narrativas bernardianas, como cita Almeida (1970), transportam para o plano da ficção problemas enfrentados pelas classes marginalizadas da sociedade, pessoas não mencionadas pela história tradicional, como é o caso do subalterno, da população do meio rural, do negro, do humilde, do explorado, da mulher indígena e outros tipos sociais. Assim, para tratar de assuntos que cercam o homem, Élis incorpora em sua obra personagens vindas das camadas rudimentares da sociedade, que transmitem toda a segregação humana, principalmente do explorado e das minorias sociais.

Nesse processo de exposição opressiva a que as personagens estão submetidas, a combinação lexical do texto literário no permite entender que os tropos se relacionam diretamente com as figuras de linguagem, entretanto, nem todas as figuras de linguagem são consideradas tropos do discurso, isso pode ser notado quando Ricoeur (2000, p. 88) menciona a obra de Fontanier: “[...]o interesse principal da obra reside na reunião de tropos e não-tropos sob a noção de *figura*”, dessa forma, se entende que há uma subdivisão dentro do conceito de figuras de linguagem. A divisão e classificação das figuras do discurso dependerá de cada teórico.

Então, é inegável o caráter cumulativo das palavras, que é resultante da polissemia e da capacidade (trans)formadora da língua, possibilitando cada vez mais agregar novos significados e experiências através do meio social, dessa forma, a palavra não se esgota quanto a suas possibilidades de significação. Assim, “Como produto sociocultural, a linguagem atua não apenas como um filtro que limita, mas também como um filtro que determina o que somos capazes de perceber e entender de nossas experiências da realidade”. (COTRIN; FERNANDES, 2016, p. 166).

Tendo em vista que o processo de comunicação ocorre de uma forma dialética, pelo fato de o ser humano ser capaz de produzir sua própria linguagem e, da mesma forma, estar submisso à influência dessa linguagem que produz, nesse aspecto os meios utilizados para se comunicar – entenda-se aqui os códigos linguísticos – estarão carregados de uma simbologia persuasiva e conflituosa, um embate linguístico entre emissor e receptor, aquilo que Bakhtin (1997) considera como uma arena de conflitos: o ato de comunicação verbal. Assim, pode-se entender as construções discursivas como fator determinante na (des)construção do indivíduo, considerando a linguagem como portadora da identidade social e materialização da realidade, pois “cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade”. (BAKHTIN, 2006, p. 33).

Resultante do processo de colonização, os aspectos históricos demonstram que a linguagem é um dos fatores preponderantes para a dominação ideológica do outro. Uma dominação tão intensa que, mesmo tendo se passado mais de 500 anos, há ainda uma submissão cultural com relação ao homem/branco/europeu/cristão que resultou na criação de vários estereótipos sociais, principalmente a respeito da relação de poder, que pode ser notado a partir da discussão dos contos de Bernardo Élis.

No conto “A enxada”, percebe-se que a linguagem e seus desvios intensificam a subserviência de Supriano ao coronel Elpídio, além de evidenciar a relação de poder e os estereótipos sociais. Por meio dos tropos do discurso nota-se que frases e expressões têm uma conotação pejorativa e desclassificatória da personagem Supriano em quase todas as falas do coronel, “– Ocê que paga, seu bedamerda!” (ÉLIS, 2015, p. 59). Dessa forma, todo o conto é marcado pela opressão do mais forte sobre o mais fraco: “nego à toa”, “negro fujão” (ÉLIS, 2015). Depreende-se que a construção narrativa abre precedente para que os estereótipos sociais se tornem explícitos pela linguagem discursiva na fala das personagens, principalmente com relação ao negro com baixo poder aquisitivo. A personagem protagonista do conto “A enxada” é fruto de uma sociedade que generaliza comportamentos, julga precocemente e rotula o ser.

Outro conto em que se pode perceber a estereotipação do ser por meio das construções discursivas é “Ontem, como hoje, como amanhã, como depois”, também de Bernardo Élis. Um conto que permite observar os estereótipos de gênero, em que a mulher é explorada pelas figuras masculinas, inicialmente pelo pai e o vendeiro e depois pelo “marido”. Além do estereótipo que reforça essa relação de poder entre os gêneros, há também uma representação do paradigma colonial, já que faz referência à aculturação e à submissão indígena pela cultura do colonizador, pois, a personagem Put-Kôe é mulher e também indígena.

Nota-se também que a narrativa é toda marcada por desvios da linguagem que intensificam os estereótipos com relação à mulher indígena, retratada na narrativa como preguiçosa, objeto sexual ou como um animal que precisa ser adestrado, uma selvagem, o que pode ser perceptível no seguinte trecho: “– Então, vamos ver. Pés juntos, assim. Mão direita aqui na frente direita ...ai, ai, ai, assim não, trem burro! O cotovelo mais junto do corpo...” (ÉLIS, 2015, p. 50).

O leitor é incitado por meio de uma provocação criada a partir do modo como se arranjam os recursos linguísticos utilizados pelo autor, mas expressos por um narrador que ecoa a voz provocante da narrativa. Nessa perspectiva os tropos discursivos, enquanto recursos estilísticos, propiciam ao texto literário um aprofundamento mais enfático a quem se

envereda pela sua leitura, uma vez que o ato de ler não deve se prender somente na superficialidade do texto. A combinação das palavras talvez até fora da ordem especificada pelos recursos gramaticais, em alguns momentos escondidas em seu conceito semântico, se transveste de nova roupagem a fim de insultar o leitor.

Assim, quando no conto “A enxada” de Bernardo Élis aparece a seguinte expressão: “– Se fugir, sai mais caro...” (ÉLIS, 2015, p. 60), possibilita depreender, por meio do contexto em que se desenvolve a narrativa e pelo uso de recursos estilísticos, que essa frase transcende do denotativo para o sentido conotativo/figurado, haja vista que pode se questionar o que é “sair mais caro”? O que significa ser “caro”? Qual seria o valor mensurável de “caro”? Considerando o ambiente da narrativa, haveria possibilidade de se pagar esse preço?

Conforme Todorov (2009, p. 78), “o tremor de sentidos que abala o nosso aparelho de interpretação simbólica”, abre possibilidade para o entendimento de a palavra “caro”, neste contexto empregado, provoca o leitor de tal forma que o faz examinar todos os possíveis sentidos que essa palavra possa vir apresentar, provocando uma agitação que o leitor não só transfigura o sentido do texto, mas percebe que há uma força ideológica subentendida que ecoa do discurso.

Na produção literária de Bernardo Élis, há, dessa forma, um campo vasto de exploração no que se refere às possibilidades de (re)leituras significativas, quem sabe pelo fato de se utilizar de uma linguagem regional específica do linguajar goiano, marcada por tradições histórico/culturais e expressa por meio de marcas tropológicas. Nessa perspectiva, pode-se depreender que a obra bernardiana possibilita discutir questões intrínsecas socialmente principalmente do povo do centro-oeste do Brasil, como a relação de poder e a discussão de gênero. Élis por meio da linguagem consegue mostrar situações verossímeis à realidade.

O texto bernardiano, por meio das suas construções discursivas, revela a crueldade, a violência e o mandonismo presente no ermo do Brasil Central. Tudo isso paradoxalmente mesclado com o humilde, o ingênuo e o servil. Visto que as “lutas” travadas no enredo são de pessoas comuns, hostilizadas de todas as maneiras tanto pelo ambiente quanto pela sociedade que as cerca, afundadas em uma existência trágica sem se dar conta disso, como Supriano e sua mulher Olaia, ambos imersos em uma angústia constante. Almeida (1970, p. 60, sic) afirma que “Às vezes, seus heróis são inconscientes da realidade trágica que vivem: são simplesmente humanos, sem a lucidez de uma vivência exata que lhes traga a compreensão do drama em que se afogam”.

Outro aspecto destacado na obra de Élis é a facilidade do escritor em mesclar, em um mesmo conto, a linguagem coloquial e a formal, visto que transpõe para o discurso narrativo

ficcional a fala do cotidiano, principalmente do coloquial regional goiano, coexistindo com as formalidades da língua. Assim, Coutinho (1999, p. 289 - 290) afirma que o escritor goiano apresenta em sua obra um “[...] instrumento linguístico completamente livre de preconceitos, renovado em sua sintaxe, agressivo, flexível e inconformista. Daí o despojamento da prosa do autor, sua maior “rusticidade”, a liberdade de sua fraseologia, sua oralidade característica [...]”. Deste modo, através das suas construções discursivas há a coexistência da linguagem padrão e não-padrão, o que caracteriza o meio em que a personagem está inserida, aproximando de sua realidade que reflete diretamente a exposição da sua condição humana, em muitos casos: roceiro, coronel, indígena, subalterno, entre outros tipos representados por Élis.

A relação entre oralidade e os estereótipos pode ser percebida por meio do discurso. No entanto, o foco do estudo não é se aprofundar na análise discursiva, mas compreender a possibilidade de os vocábulos adquirirem outras significações (tropos discursivos), no contexto literário, tendo em vista depreender os conceitos preestabelecidos.

Nessa lógica, Gilberto Mendonça Teles, na apresentação do livro *Melhores Contos Bernardo Élis*, explica, brevemente, como se compõe o texto do escritor:

[...] Ele narra como se estivesse contando oralmente o que acabara de ouvir. Por trás de cada conto está a estrutura de uma *estória* ou de um causo, quando não de uma lenda ou de um mito. É uma estrutura simples que suporta uma narração também simples e por isso contada com as técnicas da narrativa oral. E é esse sentido de oralidade que determina a ressonância linguística do coloquialismo que marca as falas do narrador e das personagens, já que o espaço entre as duas estâncias se vê praticamente eliminados. (ÉLIS, 2015, p. 13-14).

Todo esse jogo, se assim se pode dizer, do coloquial goiano coexistindo com as formalidades da língua, no espaço ficcional, não prejudica o conteúdo ou andamento da sua obra, principalmente porque: “Suas narrativas têm grande organicidade, isto é, revelam unidade em que os fatos, os episódios, os acontecimentos, resultam em conexão lógica numa valorização que a sustenta e engrandece [...]”. (ALMEIDA, 1970, p. 41). O uso da oralidade, no texto bernardiano, se apresenta como um estilo marcante do escritor, que demonstra um cuidado ao representar a fala do sertanejo.

Seja sertanejo, caboclo, agregado, proletário e demais detentores de mão de obra a serviço de mandatários – detentores do poder econômico –, assim como grupos representativos de classes minorizadas pelo processo de colonização, a escolha desses tipos sociais representados por personagens que compõem a obra é essencialmente importante para a compreensão das relações de poder instituídas no percurso histórico de uma sociedade.

Obviamente que essa caracterização do texto literário não lhe determina de modo generalizado, apenas uma entre outras várias possibilidades das quais o texto fictício se serve a fim de que se possa, quem sabe, humanizar o ser humano (CANDIDO, 1995). Importa destacar, ainda, que, por meio dessa relação social, a produção discursiva, com forte carga simbólico-ideológica e dominante, (re)(des)constrói os sujeitos de forma que se sintam pré-determinados à subserviência social. Fonseca (2011) refere-se a tal situação como resultado do processo histórico-colonizador da seguinte forma:

[...] Foi nessa instância da utilização do discurso, enquanto forma de imposição e de controle, que formas de representação figurativa ou tropológica compareceram com tamanha força expressiva que parecem indicar que o metafórico adquiria semelhante ou mesmo maior força de atuação do que os resultados decorrentes da verificação referencial da realidade. [...] serão certos mecanismos e estratégias retóricas que o explorador e o colonizador das terras americanas – aparentemente salvaguardados pelo caráter inofensivo do figurativo, mas promovendo, mesmo assim, uma complexa interação entre palavra e ação – embutiram em seu discurso histórico para idealizar, através do simbólico, os violentos expedientes coercitivos da força física da conquista. (FONSECA, 2011, p. 201).

Contextualizando o que afirma Fonseca (2011), o discurso “despretensioso” do colonizador culmina na fixação ideológica que subalterniza o colonizado, e o faz acreditar que determinada condição de subserviência ou inferioridade é algo que se enquadra em sua realidade vivenciada no cotidiano. O subalterno se aceita como foi (des)construído/moldado. As situações de morosidade e submissão social fazem perceber que as personagens bernardianas, Supriano e Put-Kôe, não lutam para transpor sua condição de submissos e humilhados, mas aceitam passivamente o fardo de suas existências de maneira inquestionável. Há um conformismo explícito, até porque foram (des)construídos ontologicamente para não questionarem sobre si mesmo.

As estratégias retóricas estão revestidas de ideologias que “escravizam” e submetem o sujeito alvo às mais variadas formas de exploração. Mais uma vez se fixa a ideia cristalizada de superioridade sobre o outro, considerando este último sempre como o estranho, o que precisa estar a serviço do colonizador. Sobre a imposição ideológica, Alfredo Bosi (1977) concorda que:

A ideologia não aclara a realidade: mascara-a, desfocando a visão para certos ângulos mediante termos abstratos, clichês, slogans, idéias recebidas de outros contextos e legitimadas pelas forças em presença. O papel mais saliente da ideologia é o de *cristalizar as divisões da sociedade*, fazendo-as passar por naturais; depois, encobrir, pela escola e pela propaganda, o caráter opressivo das barreiras; por último, justificá-las sob nomes vinculantes como Progresso, Ordem, Nação, Desenvolvimento, Segurança, Planificação e até mesmo (por que não?) Revolução.

A ideologia procura compor a imagem de uma pseudototalidade, que tem *partes*, justapostas ou simétricas (“cada coisa em seu lugar”, “cada macaco no seu galho”), mas que não admite nunca as contradições reais. [...] (BOSI, 1977, p. 144 – 145, sic, grifos do autor).

Ao relacionar a fala dos dois autores, Bosi (1977) e Fonseca (2011), é possível ponderar que a realidade se apresenta de forma deturpada, através de um discurso falseado em que a suposta verdade, latente, se configura como realidade de valores sociais que moldam o subalterno e o (de)compõem, enquanto ser, em apenas objetos coisificados de valores medíocres: No caso de Put-Kôe, “– Você sabe? A troco de qualquer garrafa de cachaça Man-Pôk deixa a gente se deitar mais a filha. [...]” (ÉLIS, 2015, p. 47). O valor da índia, aqui expresso, se reduz apenas a uma garrafa de cachaça, usada e abusada pelo mínimo valor possível. No caso de Supriano, sua redução enquanto ser social se dá no momento em que ele é usado como moeda de troca: “[...] Supriano entregue a Elpídio, pelo delegado, para pagamento da dívida. Com ele foram a mulher entrevada das pernas e o filho idiota [...]” (ÉLIS, 2015, p. 58).

Dessa maneira, as duas personagens, Supriano e Put-Kôe, tornam-se vulneráveis perante as situações a que são submetidas, apresentam dificuldade em lidar com suas desventuras sociais e de se imporem, principalmente, em relação ao dominador, uma vez que suas vidas não passam de momentos insignificantes quer seja diante dos outros quer seja diante de si mesmas. No trecho do conto “A enxada”, é possível perceber situação semelhante quando do encontro “ocasional” entre Supriano e o Capitão Elpídio:

[...] O patrão chegou com rompante, enorme em riba da mulona, as esporas tinindo, as armas sacolejando.
– Já plantou a roça? – trovejou ele, mal e mal se vendo a boca relumiando ouro por debaixo do chapéu de aba grande.
Supriano explicou que estava vendendo um melzinho, mode comprar ãa enxada. Apois que tocar lavoura carece de ter ferramenta, o senhor não aprova?
Por debaixo do chapéu, entremeio as orelhas da burrona, Piano só divisou um sorriso feroz, de dentes alumiando ouro e a vozona de senhor dão:
– Está brincando, moleque, mas eu te pego você.
Na mesma da hora os ferros das esporas tiniram, os arreios rangiram e a mula chega jogou gorgulho pra trás. Já indo de ida, o Elpídio muito rei na sua homência decretou pro riba dos ombros:
– Em dia de Santa Luzia, tu ainda nesse dia não tenha plantado o arroz, te ponho soldado no lombo, rã-rã. (ÉLIS, 2015, p. 60).

Da mesma forma, no conto “Ontem, como hoje, como amanhã, como depois” a submissão torna-se perceptível no momento em que Put-Kôe e cabo Sulivero protagonizam a cena em que a índia é adestrada a prestar continência:

– Vamos ver, Put-Kôe, põe a veadinha aí no chão. Agora, pés juntos, peito saliente!
– isso era cabo Sulivero ensinando a índia a fazer a continência militar. Para matar o tempo, – aquele tempo sem-fim do garimpo, aquele tempo visível e palpável como a terra e o mato, – o soldado ensinava à índia fazer-lhe continência sempre que ele chegava ou saía do rancho, ou dava alguma ordem. A menina desajeitosamente se empertigava e cabo Sulivero ria com gosto:
– Ara, num é ansim não, trem. Assunta bem, vigia Cuma é que eu faço. (ÉLIS, 2015, p. 62)

Os dois fragmentos destacados demonstram que, além da falta de imposição das personagens, Supriano e Put-Kôe possuem dificuldade em se comunicar. Principalmente no caso de Put-Kôe, por ser uma indígena e não ter como língua materna o português. Dessa maneira, é oportuno o entendimento de que, no texto literário, alguns tipos sertanejos se portam como sujeitos subordinados e obedientes, porque é isso que lhes foi condicionado socialmente/historicamente/ideologicamente, um conformismo engendrado, resultante de um processo histórico (des)construtor colonialmente do Brasil.

Considerações finais

A partir dessas pressuposições, se percebe no discurso literário dos contos analisados a presença de diferentes vozes constituídas pelo processo colonial depreciativo em relação ao colonizado. Essas vozes veladas – imanente e culturalmente ideológicas – vêm à tona por meio de um desmascaramento semântico compreendidas tropologicamente na construção da narrativa ficcional. Uma das formas se configura por meio do estudo tropológico que possibilita através dos recursos discursivos – entre os quais as figuras de linguagem – a transmutação sógnica das palavras, uma vez que a partir da quebra semântica o vocábulo adquire novas significações, saindo do plano da significação própria e partindo para o plano figurado (KERN, 2011). A utilização dos tropos se torna “a alma do discurso”, sem a transfiguração do sentido o discurso não iria conseguir alcançar seu objetivo, “[...]” “toda interpretação depende mais da relação antitética entre significados que da suposta relação entre um texto e o seu significado” (WHITE, 2013, p. 15). Portanto, o ressoar das vozes se torna ainda mais evidente, a transmutação de sentidos, neste caso, permite averiguar, além de resquícios de discriminação ou machismo, ideologias de dominância social.

Nessa linha de raciocínio, a análise tropológica a partir do discurso literário é de extrema relevância já que a obra pode ser entendida como representação das vivências do mundo real, configurando um espaço simbólico propício a questionamentos e de tensões entre o leitor e a realidade (CASTRO, 1994), é através dessa tensão que se estabelece a

reinterpretação dos modos de relação entre os indivíduos (COUTINHO, 1976). Dessa maneira, se pode afirmar que a obra literária bernardiana é um espaço simbólico de conflito – autorizado inegavelmente pelas múltiplas ressignificações da palavra, desvios discursivos e rupturas semânticas –, podendo ser considerada um lugar democrático, pois está sempre aberta a novas (re)interpretações. Dessa maneira, a relação obra literária e análise tropológica foi uma discussão conceitual bastante relevante na pesquisa, essencialmente para se compreender os contos a serem discutidos, mostrando que as duas obras do escritor goiano estariam abertas a explorar inúmeras problemáticas do ponto vista dos tropos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. A. de. *Presença literária de Bernardo Élis*. Goiânia: UFG, 1970.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*, 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p.169-191.
- CASTRO, M. A de. Natureza do fenômeno literário. IN: SAMUEL, R. *Manual de Teoria Literária*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COTRIM, G; FERNANDES, M. *Fundamentos de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.
- COUTINHO, A. *Notas de teoria literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- COUTINHO, A. *A literatura no Brasil: era modernista*. 5. ed. São Paulo: Global, 1999. v. 5.
- ÉLIS, B. *Melhores Contos Bernardo Élis*. (seleção de Gilberto Mendonça Telles). 4. ed. São Paulo: Globo, 2015.
- FONSECA, P. C. L. *Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na colonização do Brasil*. Bauru, SP: Edusc, 2011.
- KERN, D.P. M. *Breve História de Tropologia Literária: Os tropos principais e os chicagoans*. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/26.pdf>. Acesso em: 04 out. 2021.
- QUEIRÓZ, M. I. P. de. *O mandonismo local na vida política brasileira*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.
- TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009

WHITE, H. *Trópicos do discurso*: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.